

## Colmeia de concreto na apreciação dos leitores

José Ribamar Garcia (Rio de Janeiro-RJ):

"Sua poesia reflete a excitação preocupante da alma humana, numa sociedade de desigualdades sociais. E dos desencontros frustrantes de quem chega antes ou depois – deixando sempre a expectativa de que podia ser possível. E dito numa linguagem objetiva e contundente, mas sem perder a beleza. Daí a graça de sua poesia"

Carlos Evandro Martins Eulálio (Teresina-PI):

"A poesia de Dílson se pauta por um estilo objetivo, direto, substantivo. A sentimentalidade é pulverizada pela subjetividade, o que mostra o trabalho racional e inteligente de sua poesia".

Carlos Carvalho (Teresina-PI):

Os poemas de Dílson Lages deixam transparecer uma "angústia existencial", um desejo incessante de ser, de passar de potência a ato, do sonho à realização.

O tempo (cronológico) é marcado através do ontem (passado) em busca de uma realização presente ou futura. É a vontade espreitando o fato, é o desejo de voar, de acordar para a vida, de realizar o poema que ainda não foi feito, de viver os sonhos e de encontrar a palavra! Estas vontades latentes não se concretizam, não se tornam realidade, há algo que impede a realização e que o eu-poético não sabe explicar. O que faz com que o destino desista e se reduza ao vazio? Por que o florescer das rosas é interrompido? Tudo é constatado, mas não fica explicado.

Talvez, a redução do desejo seja causada pelo conflito entre os resquícios de religiosidade que quer aflorar. É o querer pulsando e tentando sugar o máximo do que o dia pode proporcionar. Porém, a sensação de vitalidade e de desejo de mudança perde a força ao entardecer e "o sol fecha a cara", impossibilitando transformações reais.

Em alguns poemas, a figura feminina aparece de forma ambígua, ou seja como uma deusa e noiva ou como serpente e maliciosa. É a mulher vista como ser com características sacras e profanas.

Além do que foi dito, muitos detalhes poderiam ser observados nos poemas de Dílson, em função da variedade de cenas que aparecem como retratos do cotidiano, misturados a um "afã interno" composto por dúvidas e insatisfações. Porém, quero enfatizar a sensação do "querer-viver" que é passada para o leitor e a ansiedade que este sente durante todo o livro "Colméia de Concreto", esperando um extravasar, um final hedonista, um grito alucinante que, feliz ou infelizmente, não acontece!

Ronaldo Cagiano (São Paulo-SP):

“É sempre um prazer estético ler coisas boas, feitas com estilo, talento e paixão. Sua obra é um libelo contra esse mundo permeado de inquietações. Trabalho enxuto, sem literatices desnecessárias, calcado num estilo vigoroso, rico em imagens colhidas do cotidiano, através do que o poeta realiza seu canto de exploração dos múltiplos sentimentos e observações humanas. Em meio à proliferação da subliteratura no Brasil, “Colmeia de Concreto sobressai, porque resguarda o valor da linguagem, valorizando a literatura naquilo que ela tem de mais sagrado: a comunicação”.

Hardi Filho (Teresina-PI):

“Colmeia de Concreto é título adequado para um conjunto de poemas que menos dizem e mais sugerem, ou seja, poemas em linguagem valorizada nos seus múltiplos sentidos. O contrastante fica por conta da cadência, do ritmo e da aparente fragilidade ou tristeza do ser em face do incomensurável.

Dílson Lages Monteiro vai fazendo os seus poemas às vezes simples pensamentos, de conteúdo variado e clima de virtualidade impessoal ameno, agradáveis ao espírito por favorecerem à compreensão do complexo que é o sentir humano”.

Luís Carlos Marques (São Paulo-SP):

“Li alguns poemas de “Colmeia de Concreto” e gostei do resultado. Existe algo de paz e tranquilidade na sua poesia”.

Gaitano Antonaccio (Manaus-AM):

“Parabéns pela gama de poesias ecléticas e pelos temas diversificados, o que tornou o trabalho interessante, sem cansar seus leitores e surpreendendo pelas temáticas”.

Fernando PY (Petrópolis-RJ):

“Colmeia de Concreto, de Dílson Lages Monteiro. O poeta possui a vantagem de uma dicção contida, de um quase anti-verso. (...) No todo, para um poeta de apenas 25 anos, o livro é de fato alentador”